

# Estatização da saúde preocupa

Na próxima quarta-feira, às 14 horas, o Movimento União em Defesa da Saúde estará reunido no auditório da CNTC — Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, à Av. W-5 Sul, quadra 902, para protestar contra a radical estatização da saúde proposta pela Constituinte.

O Movimento União em Defesa da Saúde, de cunho nacional, apolítico, congrega importantes setores da sociedade, entre cientistas, profissionais liberais, trabalhadores, sindicalistas, empresários, educadores e parlamentares, e objetiva basicamente questionar e discutir os rumos estatizantes adotados pela Constituinte no setor de saúde.

Com o tema "O Brasil exige liberdade para a medicina", a manifestação contará com a participação de renomes da medicina brasileira, como Adib Jatene, Paulo Gama Filho, Carlos Chagas, Eury Clides Zerbini, Ricardo Veronesi, Amauri Temporal, Hilton Rocha, Aloisio Salles, Mário Altenfelder, entre outros.

Estarão presentes ainda sindicalistas como Luís Antônio Medeiros, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo; Antônio Wilber Bezerra, secretário geral da USI — União Sindical Independente; José Lílio de Almeida, presidente do sindicato dos empregados em estabelecimentos de serviços de saúde de São Paulo, e o ex-presidente do INPS, Reinhold Stephanes.

As 18 horas, ao término do evento, os participantes farão uma visita ao Congresso Nacional, onde transmitirão aos constituintes preocupação em relação à proposta de estatização, já que hoje no Brasil a iniciativa privada responde por 85 por cento do atendimento médico-hospitalar prestado à população, e que envolve mais de 141 milhões de brasileiros.

## NAO A ESTATIZAÇÃO

Preservar o cidadão do inalienável direito de opção constitui um dos objetivos do Movimento União em Defesa da Saúde. "A Constitui-

ção deve garantir — acima de tudo — a livre iniciativa e o livre arbítrio ao indivíduo, inclusive no setor de saúde".

Na verdade, os integrantes do Movimento colocam-se contrários ao desequilíbrio entre as funções do Estado e da iniciativa privada no setor de saúde proposto na Constituinte. "Sem deixar de reconhecer o papel do Estado, o Movimento acredita que a iniciativa privada deve ser preservada e o sistema de saúde deve ser misto, com a coexistência dos dois setores".

Os hospitais do Estado trabalham com custos seis vezes superiores aos dos hospitais privados para atendimento de pacientes previdenciários e ainda enfrentam o empregulismo, a burocracia e a ineficiência inerentes ao serviço público.

A grande preocupação do movimento é que a estatização desestimule os investimentos da iniciativa privada no setor e impeça o progresso da medicina no País.